A EXPERIÊNCIA LIBERTÁRIA DE UM PORTUGUÊS NA PRIMEIRA REPÚBLICA: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA POLÍTICA E INTELECTUAL DE MOTA ASSUNÇÃO. (1899-1910)

Angela Maria Roberti Martins

APRESENTAÇÃO

Este texto é parte de uma investigação sobre a experiência libertária de portugueses no Rio de Janeiro entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Militantes estrangeiros, com destaque aos portugueses fixados na cidade, marcaram presença privilegiada tanto nas ações políticas quanto nas atividades socioculturais implementadas pelo conjunto dos libertários, como foi o caso de J. Mota Assunção.

Sua militância entre os anarquistas, apesar de breve, foi densa e polêmica e sua obra relativamente vigorosa. O presente texto destina-se a perscrutar a contribuição desse imigrante português para os movimentos de luta política e as mobilizações socioculturais que os libertários entreteceram no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, toma por base alguns de seus textos, como artigos, livros, poemas, peças de teatro social, contos e folhetins, de forma a compreender as dimensões de sua militância no momento mesmo de constituição e organização dos movimentos operário e anarquista no Rio de Janeiro.

A experiência libertária do português Mota Assunção pode ser tomada como referência significativa da presença portuguesa no movimento anarquista na cidade. Aponta que a contribuição dos imigrantes portugueses para o movimento anarquista no Rio de Janeiro teve grande densidade e seguiu um longo percurso, sendo, por isso mesmo, uma história ainda por escrever.

DIMENSÕES DA MILITÂNCIA

J. Mota Assunção nasceu em Portugal e emigrou para o Brasil na companhia do pai e dois irmãos em 1887, período de crescimento da emigração lusa para o país. Nessa época, levas e levas de imigrantes originários das áreas agrícola da Europa Mediterrânica, as quais enfrentavam a desagregação da tradicional ordem socioeconômica com o avanço das relações capitalistas no campo, chegavam à América, em geral e ao Brasil, em particular, fugindo do pauperismo e das ameaças de proletarização.[1]

1 PEREIRA, 2002:16-18; LOBO, 2001:18-19.

O afluxo contínuo de indivíduos pobres, provenientes das áreas rurais de Portugal, Espanha e Itália, mantinha relações não só com as transformações ocorridas nas zonas de origens, mas também com as mudanças que se encontravam em curso na zona de destino, sobretudo no mercado de trabalho, projetando a imigração como um feixe de possibilidades.[2]

As mudanças que se operavam no Brasil com o fim da escravidão e a implantação da República, ampliavam a demanda por mão de obra no campo, em substituição ao trabalho escravo, e também nas cidades, onde o trabalho livre crescia na esteira da expansão dos ofícios urbanos.

O crescimento do mundo urbano e industrial no Rio de Janeiro e em São Paulo, logo transformou as duas cidades em centro responsável pela maior parte da produção industrial do país nos primeiros tempos republicanos e pólo de concentração da classe operária em formação, coincidindo com o "...processo de imigração em massa que caracterizou a conjuntura 1890-1920...".[3]

Mudanças em ambas as margens do Atlântico, estimularam o pai de Mota Assunção, o Sr. Antonio Mendes de Assunção a emigrar para o Brasil a fim de fundar uma colônia agrícola no oeste de São Paulo. Embora não fosse agricultor, conseguiu convencer um grupo de patrícios vizinhos a emigrar com ele e seus três filhos homens por meio do processo subvencionado pelo Estado. A mãe permaneceu em Portugal junto com a única filha do casal.[4] No Brasil, o pai, os filhos e os vizinhos estabeleceram-se, inicialmente, no interior de São Paulo, onde Mota Assunção viveu dos oito aos quinze anos.

Como a maioria dos libertários dessa época, Mota Assunção, como era conhecido, ou simplesmente Mota, como a ele se referiam os mais íntimos, como por exemplo, Neno Vasco, também português e libertário, não deixou registros especificamente biográficos. São escassas as referências sobre sua trajetória de vida, mas relativamente densa sua obra e sua experiência libertária.

No Brasil, como ele mesmo afirmou, "vi[u] fazer a abolição e vi[u] fazer a república..."; estudou em escolas brasileiras, casou-se com uma brasileira e teve filhos brasileiros, mas nunca se esqueceu de que nasceu em Portugal. Na capital do país, começou a vida exercendo a atividade profissional de condutor de bonde, ocupação em que a presença portuguesa era expressiva, tornando-se, posteriormente, operário tipográfico e, na sequência, linotipista, ficando ligado à composição mecânica de jornais.

---

2 PEREIRA, 2002: 16-18; LOBO, 2001: 18-19.

3 MENEZES, 1998: 323.

4 BARROS, 1917: 16

Foi no Brasil, portanto, que Mota Assunção tornou-se homem, trabalhador gráfico e militante anarquista. Desde jovem, já no Rio de Janeiro, envolveu-se com os movimentos operário e anarquista que se afirmavam naquele contexto de expansão das relações capitalistas no Brasil. Ainda que lento, esse processo permitiu a formação e a ascensão de uma burguesia e o aumento quantitativo do proletariado, definindo, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, os contornos da chamada "questão social". Gradativamente, o estabelecimento desse campo de forças sinalizou a necessidade de organização de formas de ação das classes trabalhadoras. Tornou-se inevitável a aproximação entre esses grupos e o ideário anarquista, reforçado no país com a presença cada vez mais significativa de imigrantes, muitos dos quais inseridos nas atividades comerciais, no setor de serviços e em oficinas, engrossando as fileiras de um proletariado emergente e miserável.[5]

Eram péssimas as condições de trabalho na época, marcadas por longas jornadas, salários baixíssimos, riscos permanentes de acidentes, superexploração, padrões de disciplina e de vigilância rígidos e sistemáticos, ausência de garantias e de formas de proteção, forte exploração da mão-de-obra feminina e uso intenso da força de trabalho do menor. A precariedade que caracterizava o mundo do trabalho mantinha correspondência direta com o cotidiano do trabalhador nacional ou estrangeiro fora do espaço da produção.[6]

Os níveis salariais baixos contrastavam com o aumento do custo de vida, em especial com a alta constante dos gêneros alimentícios e dos aluguéis. O precário poder de consumo refletia-se no deficiente padrão alimentar e na insalubridade da maior parte das moradias. As deficitárias condições de saúde e higiene, assim como o difícil acesso à educação e até mesmo ao lazer, selavam o drama da existência operária no período de sua constituição social e cultural.

Limites bem definidos circunscreviam as possibilidades de sobrevivência das classes trabalhadoras, que, de alguma maneira, se inseriam no mercado de trabalho. Mas, para além dos empregos relativamente estáveis, achavam-se outras expressões de precarização das relações de trabalho: os subempregos, os biscates, o trabalho doméstico. Havia, ainda, os que se encontravam desempregados, recorrendo à mendicância e a outras estratégias de sobrevivência, como as atividades ilegais.[7]

5A oposição fundamental que existe entre a burguesia e o proletariado ainda não se explicitava de maneira formal, no Brasil, no início do século XX, havendo, isto sim, uma grande projeção econômico-política dos proprietários rurais no poder da República. Burguesia e proletariado estavam no seu "vir a ser", num processo de formação, resultante dos próprios conflitos vivenciados.

6 FOOT HARDMAN; LEONARDI, 1991:136.

7 MENEZES,1996: 51.

Esse contexto de dificuldades agitava a Capital Federal, embalava o movimento operário em geral e fermentava a militância anarquista em particular. Por intermédio da "/.../ organização de grupos, publicação de jornais, boletins, panfletos e livros, /.../ conferências, comícios, agitações populares [e] ativa participação no movimento operário",[8] o anarquismo, nas suas diversas orientações, expandiu-se no país, tornando-se, nas duas primeiras décadas do século XX, a corrente de maior penetração no interior do movimento operário.[9] Muito cedo, portanto, passou a incomodar os poderes estabelecidos, atraindo, por conseguinte, a atenção policial.

O anarquismo, nas suas ideias e ações, não podia ser tomado como um corpo único e invariável, uma vez que se projetava, no tempo e no espaço, de maneira bastante diversificada. As várias correntes anarquistas surgidas ao longo do século XIX apresentavam diferenças quanto a alguns preceitos teóricos e a determinadas estratégias de ação, mas tinham como ponto em comum a defesa incondicional da liberdade e a negação do princípio da autoridade, com destaque para o Estado, maior inimigo dos libertários. Da mesma forma, criticavam ardentemente o poder em todas as suas instâncias, indo além da relação entre Estado e indivíduos, tentando atingir os poderes pequenos que se manifestavam nas relações cotidianas entre homens e mulheres, professores e alunos, pais e filhos, médicos e pacientes.[10]

No movimento anarquista, é possível perceber a presença de Mota Assunção desde a última década do século XIX. Ao lado de outros companheiros, figurou entre os primeiros militantes no país. Em sua *Página de Saudade*, Everardo Dias, na obra *História das lutas sociais no Brasil*, apresenta uma relação dos "primeiros propagadores, organizadores e militantes socialistas e sindicalistas no Brasil"; nela se encontra o nome do operário gráfico Mota Assunção por sua atuação nas lutas travadas.[11]

Ao longo dos dez anos em que militou no movimento anarquista, Mota Assunção colaborou intensamente em quase todos os periódicos editados no eixo geográfico Rio de Janeiro-São Paulo nas décadas finais do século XIX e anos iniciais do século XX. *O Despertar*, considerado o primeiro jornal anarquista a circular no Rio de Janeiro, assim como *O Protesto* e depois *A Greve*, contaram com sua participação ativa e decisiva. *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre*, lançados em São Paulo, também são exemplos não só da sua prática libertária, posto que colaborava com essas folhas, mas da crença que compartilhava com os companheiros em exercer a crítica social, propagar as ideias libertárias e lutar pelo ideal anarquista.

---

8 LEUENROTH, s./d:105.

9 CÔRTES, 2006: 50; ADDOR, 2009: 13.

10 BIAJOLI; VIEIRA, 2008: 200.

11 DIAS, 1977: 317-318.

Mota Assunção estava com vinte anos de idade, quando, em 1899, fundou o periódico *O Protesto*, tornando-se um dos seus principais redatores. Inicialmente, a folha definia-se como "periódico comunista livre", transformando-se, a partir, do sétimo número em "periódico anarquista". Da mesma forma, nos dois últimos números seu nome não aparecia explicitamente como diretor, mas como gerente da folha, usando um dos seus pseudônimos: J. Suvarine.

Na primeira edição de *O Protesto*, lançado a 16 de outubro de 1899, em uma espécie de editorial intitulado *Nossa conduta*, a Redação informava:

> Quando os trabalhadores se encontram a braços com a miséria, atravessando uma existência de angústias e privações, oprimidos e amesquinhados por uma ordem social que há quase vinte séculos os tem transformado num instrumento servil e desprezível, sem direito de gozar nem viver, enfim, numa máquina de carne, de fácil reprodução; para assegurar a uma diminutíssima classe de privilegiados todos os gozos e regalias de bem estar e conforto /.../ O protesto e a rebeldia contra esta sociedade corrupta, perversa e iníqua, que consiste em o trabalhador sucumbir de fome, ao lado do parasita que arrebenta de indigestão. É mais do que dever. É uma necessidade.[12]

Na sequência do artigo, que incitava à revolta e à rebeldia, a folha informava ainda que se batiam "...por um ideal muito mais generoso e muito mais perfeito, pelo ideal que há de redimir a humanidade da escravidão econômica, que é os sustentáculo de todas as outras escravaturas: - pelo ideal libertário, pelo ideal anarquista."[13]

Na experiência do jornalismo, Mota Assunção participou, ainda, dos periódicos anarquistas *Asgarda,* pequena revista internacional, dedicada às ciências e às artes, que lançou uma única edição em 1902; *O Trabalhador*, quinzenário que circulou na Capital Federal em 1903 e *Emancipação*, órgão da Liga das Artes Gráficas e do Proletariado em Geral, lançado em 1904 no Rio de Janeiro.[14]

Ao lado de Elysio de Carvalho, o qual considerava seu "primeiro discípulo", foi um dos iniciadores da *Kultur*, "revista libertária de propaganda", editada em 1904 e ainda de *Novo Rumo* em sua primeira fase (1906-1907), editado pelo grupo anarquista do mesmo nome.[15]

---

12 *O Protesto*, 1899, p. 1.

13 *O Protesto*, 1899, p. 1.

14 SODRÉ, 1999: 310.

15 RODRIGUES, 1997: 63.

Mota Assunção colaborou, ainda, na folha *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, criado por resolução do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Centro Galego do Rio de Janeiro, em abril de 1906. Essa folha, que só foi lançada em 1908, adotou o sindicalismo revolucionário, apostando na ação direta. E dela publicaram-se vinte e um números que circularam no Rio de Janeiro entre 01 de julho de 1908 e 09 de dezembro de 1909.

Assunção foi, ainda, redator do periódico antimilitarista *Não Matarás*, órgão da Liga Antimilitarista Brasileira, criada em 1908. Essa folha foi lançada no contexto em que o governo Afonso Pena (1906-1909) estabeleceu a lei do sorteio militar, espécie de alistamento obrigatório, por iniciativa do então Ministro da Guerra, Hermes da Fonseca. A folha teve existência efêmera, sendo fechada pelas autoridades e todos os seus redatores presos por ação da polícia.

Nesse momento, Mota Assunção destacava-se não apenas como um dos organizadores da campanha antimilitarista que envolveu a cidade, mas como o redator do programa da Liga Antimilitarista Brasileira, texto que ocupou as páginas de vários periódicos, incluindo "órgãos conservadores e militaristas como o País e o Jornal do Brasil".[16] Colocando-se contra o serviço militar obrigatório, o Estado militarizado e a guerra, Assunção argumentava que o sorteio militar "perturbava as famílias operárias" e que a militarização era contrária aos princípios pacíficos e trazia consequências nefastas para a humanidade, embrutecendo os homens, exigindo vítimas em massa, a maioria formada por jovens. As "bases da Liga" foram baseadas nos princípios "ordeiro e de resistência passiva" de Tolstói e se tornaram célebres, assim como Mota Assunção que recebeu "de toda a parte cartas e telegramas de aplauso e com oferecimento de recursos para a campanha".[17]

Em sua ânsia de saber, desde cedo Mota Assunção dedicou-se a estudar o pensamento libertário e acabou aderindo, como ele mesmo afirmou, ao chamado "individualismo anarquista" ligado às idéias de Max Stirner. Com facilidade, escrevia seus artigos para jornais e revistas anarquistas e redigia livros, contos, poemas e peças para o teatro social, deixando sua marca, também, nas atividades culturais implementadas pelo conjunto dos libertários.[18] Assinava seus trabalhos não apenas com o seu próprio nome, mas com os pseudônimos de Souvarine, Carrard Auban e Cesar Mendes.

Sobre sua passagem pelo movimento anarquista, Mota Assunção escreveu explicitando um pouco das tensões entre as diferentes orientações libertárias:

16 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 99.

17 Ibid.

18 RODRIGUES, 1997: 116-118.

> ...é-me indispensável oferecer alguns esclarecimentos acerca da minha obscura pessoa, /.../ Dos 20 aos 30, ou seja de 1899-1909, colaborei em publicações anarquistas e socialistas, tendo mesmo dirigido algumas. Mas cada uma destas designações partidárias envolve uma série de cambiantes teóricas que se hostilizam e combatem com ardor fraternal /.../. A cambiante que obteve os meus sufrágios chamava-se individualismo anarquista, ou aristocrático, presa às teorias de Nietzsche, Max Stirner, Ibsen e Tolstoi, e que combatia encarniçadamente o anarquismo comunista ou revolucionário e democrático de Kropotkine, Bacunine, Malatesta, etc.[19]

Mota oferece um importante testemunho da dinâmica social que envolvia os libertários naqueles tempos do nascedouro da vida militante, onde as correntes político-ideológicas ainda não eram precisas e os militantes empenhavam-se ardorosamente nas discussões e debates das diversas teorias socialistas existentes.[20]

O conhecimento que possuía do pensamento libertário associado a sua aproximação com o movimento dos trabalhadores, levou-o a ser convidado para integrar a Comissão Redatora do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, no Rio de Janeiro, ao qual compareceu representando, junto com o companheiro Luiz Magrassi, a Liga das Artes Gráficas.[21]

No seu livro *Os sicários do jornalismo*, na parte em que se dedica a um "parêntese sobre a minha ação no movimento operário e subversivo", afirma:

> ... Ao efetuar-se o 1º congresso operário, em 1906, fui um dos delegados e só então, por força das circunstâncias me enfronhei propriamente na questão operária, que pelo dito congresso foi sistematizada à moda francesa. Assim, pelos acordos tomados, as associações ou sindicatos seriam neutras em matéria política e religiosa, isto é, neutros sobretudo ante as diversas seitas em que se achavam distribuídos os operários e militantes, a fim de que nas greves e constituição dos blocos corporativos essas divergências não fossem motivo de desunião e insolidariedade. Achei tão justo e assimilei tão bem esse método, que ao fim da conferência, apesar dos meus fracos dotes oratórios, fui designado para, na sessão de encerramento, que se fez no teatro Lucinda, expor ao público os resultados do congresso.[22]

19 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 94.

20 Ibid.; DIAS, 1977: 7-8.

21 Ibid., p. 96.

22 Ibid.

Ao que parece Mota fazia uma diferença entre o movimento social e o movimento operário, referindo-se a este último como "subversivo", provavelmente pela presença atuante dos "partidários do anarquismo insurrecional", cujo "finalismo e métodos [ele] condenava". O fato é que seu envolvimento com os temas debatidos nesse Congresso, sua "opinião moderada e conciliadora", levaram-no a uma certa proeminência, que teria outras oportunidades de experimentar.[23]

Interessado em literatura, Mota Assunção escreveu alguns livros, dentre os quais se destacaram *O sorteio militar*, *Os sicários do jornalismo* e *Origens e ortografia da Língua Portuguesa*. Este último mereceu elogios de críticos como João Ribeiro, que o considerou "bem pensado e bem escrito; um subsídio precioso para fixar, definir e resolver o problema". Na mesma perspectiva, Monteiro Lobato apresentou uma crítica positiva afirmando que o livro "representava o bom senso na importante questão". E ainda Fábio Luz, que também militava entre os anarquistas, considerou o livro "um magnífico estudo".[24]

Assinando com o pseudônimo Suvarine, publicou n'*O Protesto*, na edição de maio de 1900, um poema em que cantava em versos a Anarquia como "salvação"; o princípio de um mundo outro, mais justo, mais livre e, por isso mesmo, mais feliz, segundo os libertários.

> RIMANDO
> Entre brumas tenebrosas,
> Com ímpetos de ansiedade,
> Despontam gloriosas
> As flechas da Liberdade!
> Alerta! Alerta, operários,
> A redenção, a alegria,
> Encontraremos em breve
> Nos braças da Anarquia![25]

No elenco de atividades exercidas por Mota Assunção no âmbito da militância libertária, encontra-se, ainda, sua inserção no teatro social. Como admirador do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, traduziu sua peça *Um inimigo do povo*, a qual dirigiu e levou à cena.[26] Inspirado na obra de H. Ibsen e sua contribuição para renovar a escrita teatral, escreveu a

---

23 Ibid., p. 97.

24 RODRIGUES, 1997: 116-118.

25 *O Protesto*, 1900: 4.

26 Henrik Ibsen (1828-1906) renovou o teatro moderno na medida em que rejeitou a encenação de um mundo idealizado, preferindo os dramas íntimos comuns a maioria das pessoas.

peça *O Infanticídio*, drama social em cinco atos que encenou com o Grupo Dramático Teatro Social, do Rio de Janeiro, em 1906.[27]

Tornando-se diretor e editor desse Grupo teatral, passou a trabalhar junto com o teatrólogo Mariano Ferrer em 1907, levando à cena, no ano seguinte, o drama social em três atos de sua autoria, *O exemplo*, "que foi exibida no Rio, em Santos e provavelmente noutras partes, pois dela se tiraram algumas cópias".[28] Tempos depois, essa peça teve seu título mudado pelo autor, passando a se chamar *A desforra dos vencidos*.[29]

A *Voz do Trabalhador* na sua edição de 15 de agosto de 1908 apresentou um comentário sobre uma festa realizada no Centro dos Sindicatos cuja programação estabelecia uma conferência de Carlos Dias sobre o "teatro revolucionário", seguida "da estréia do drama em 3 atos do camarada Mota Assunção - O EXEMPLO". Sobre o texto representado, o jornal trouxe o seguinte comentário:

> O enredo da peça está inspirado no movimento grevista de tecelões que aqui teve lugar em 1903. A obra, em conjunto, é muito interessante e bem elaborada, tem cenas cheias de vida e realidade. /.../ O 1° Ato tem diálogos que resultam um pouco pesados e o final parece-nos um tanto ilógico /.../.[30]

Para criar esse texto dramático, Mota inspirou-se na greve de vinte dias ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, em 1903 e da qual participaram milhares de trabalhadores da indústria têxtil. Nessa greve dos tecelões, o próprio Mota Assunção foi preso "sem causa definida", "acusado de ser anarquista". Trabalhava, então, como compositor das oficinas do jornal *Correio da Manhã*, mas declarou ter sido preso por tentar "...organizar uma sociedade de empregados no tráfego de bondes...", denunciando o Tenente Linhares "...como responsável pelo equívoco de sua prisão".[31] Na sequencia desse movimento grevista, houve também uma grande greve geral convocada pela Federação dos Trabalhadores em Tecido. Por sua repercussão, ambos os movimentos foram considerados inéditos no país até então.[32]

---

27 LEMOS, s./d.: 22.

28 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 81.

29 Ibid., p. 82.

30 LEMOS, s./d.: 22.

31 AZEVEDO, 2005: 149.

32 DULLES, 1977: 26.

Inspirado nesses conflitos, o drama *O Exemplo* trata da atitude do que Mota chama de "jornalismo pirata" diante das greves, a partir do movimento de personagens que "agem e pensam estritamente de acordo com a psicologia e a ética normal das classes a que pertencem".[33]

O drama conta a história dos operários de uma fábrica de tecidos que se declaram em greve. O patrão está inclinado a ceder às reivindicações, uma vez que sua filha Laura, que é "doutora, escritora e simpática ao socialismo, sendo colaboradora do *Diário do Povo*, que defende calorosamente os grevistas", apóia os operários em greve, colocando-se a favor do movimento. Mas, o padre Nicolau, que é irmão do proprietário, alerta-o sobre o "mau exemplo que dará com tal procedimento" e o incentiva "a entender-se com o diretor do referido jornal a fim de fazer cessar a greve pela derrota dos operários, embora satisfaça depois, aos poucos, as suas reclamações". Apesar dos protestos e críticas de Laura ao tio-padre pela ideia, o industrial e o jornalista entendem-se e o seu jornal volta-se contra os operários, inventando que "...quatro ou cinco famigerados anarquistas expulsos da Argentina e da Europa... estão com essa greve, procurando arruinar um dos mais florescentes ramos da indústria nacional".[34]

Nesse enredo, Mota Assunção, teve a oportunidade de tocar em temas tantas vezes explicitados e discutidos pelos libertários. Indiretamente tratava da aliança entre capital e igreja, manifestando seu anticlericalismo. Da mesma forma, tocava na questão da emancipação da mulher, associando Laura à racionalidade e à independência, projetando a personagem, possivelmente, como exemplo a ser seguido pelo conjunto dos trabalhadores em geral e pelas mulheres em particular. Diretamente acusava a imprensa de manipular a informação, afirmando como verdade "a mentira mais impudente e inverossímil" e de contribuir para a construção do estereótipo do "anarquista estrangeiro e perigoso" a ameaçar o país.[35]

Muito crítico e preocupado com a qualidade do teatro social, Mota Assunção alertava os companheiros e se levantava contra a monotonia do repertório solicitando a criação de obras novas, mais adequadas às mudanças do tempo, dizendo: "vocês não sabem sair desse carrancismo... vocês estão ainda dominados pela velha concepção cênica de Deus e do Diabo, e não compreendem nada fora desses dois tipos opostos".[36]

Mota criticava, na verdade, o que chamava de "romantismo revolucionário e operário, que faz do burguês um vampiro de sangue humano e do grevista um abnegado mártir da família e do ideal", dentro de uma concepção maniqueísta e a partir da luta permanente do Bem contra o Mal; dos explorados contra os exploradores.

---

33 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 82.

34 Ibid., pp. 82-84.

35 Ibid., pp. 84-85.

36 VASCO, 1907: I.

Outro texto dramático escrito por Mota Assunção em 1907 foi *O Infanticídio*, um drama social em cinco atos, cuja ação se passa no Rio de Janeiro. Inspirado na literatura realista, o enredo trata corajosamente de um tema que mobilizava "...de maneira especial a atenção dos médicos na primeira metade do século XX...", bem como provocava "diversos debates jurídicos", sendo "descrito pelos agentes da lei como o mais perverso comportamento possível para uma mulher."[37]

O drama escrito por Mota pode ter sido inspirado em situações concretas de cujas notícias a cidade sabia e a imprensa noticiava, a exemplo do caso de Delmira Maria da Conceição, uma moça de 18 anos, solteira, que foi denunciada pela patroa.[38]

Usando de toda "...a sua ironia tremenda, satânica e voltaireana...",[39] Mota chama a atenção, no texto, para o fato de que a punição do infanticídio era a mais revoltante das injustiças, sendo a mulher que o praticava uma vítima da sociedade. Pedia a compreensão dessa ação humana no contexto de uma sociedade autoritária, excludente e hipócrita, que era a verdadeira responsável por crimes dessa natureza. Essa peça teve grande repercussão, sendo inclusive traduzida para o italiano.

Ainda em 1908, Mota Assunção lançou *Vozes do Céu*, uma comédia em dois atos que contemplava a perspectiva anticlerical colocando em questão a confissão e o celibato. O enredo da comédia denunciava o dispositivo da confissão como meio de o padre obter informações sobre os fiéis, a fim de utilizá-las em proveito próprio.[40] Baseando-se na imagem emblemática do vigário devasso que seduzia mulheres, entre elas as viúvas, o autor sugeria que a sexualidade era uma matéria privilegiada da confissão.

Além disso, em tom profano, o autor colocava em dúvida a abstinência sexual de figuras bíblicas, como Maria, a mãe de Jesus, e o próprio Jesus, confrontando os ensinamentos da Igreja Católica que pregavam a castidade dos santos.[41] Recorrendo ao uso da sátira como eixo privilegiado de argumentação na luta anticlerical e antirreligiosa, Mota Assunção parecia empenhado em dessacralizar e degradar o clero, no intuito de minar o poder clerical, o sistema católico e a tradição religiosa.[42] Entre dezembro de 1909 e janeiro de 1910, a comédia *Vozes do Céu* foi publicada como folhetim na "folha anticlerical de combate", *A Lanterna*.

Da mesma forma como se imiscuiu no teatral social como dramaturgo, diretor e crítico, Mota Assunção dedicou-se a escrever contos, dentre os quais se destacou *Na morgue*, publicado na revista Kultur, em março de 1904. Trata-se de um registro da miséria urbana,

37 ROHDEN, 2003: 47 e 155.

38 Ibid., pp. 47 e 155.

39 *A Vanguarda*, 1911, p. 1.

40 OLIVEIRA, 2008: 68-69.

41 Ibid., pp. 68-69.

42 MARTINS, 2012: 89.

por meio de um texto de cunho social que explicita "o trágico e desgraçado fim de dois indivíduos": uma pobre prostituta e um desventurado solitário, ambos "amigos" do narrador.[43]

Nessa narrativa concisa, repleta, porém, de dramaticidade, Mota Assunção centrava a atenção em um único ponto de interesse: a sorte dos condenados que a sociedade rejeitava, vítimas de uma existência dolorosa. Em um fragmento do conto pode-se ler: "...Luis havia sido encontrado morto no quarto em que morava sozinho, não se sabendo ao certo que gênero de morte o vitimara. E a Clélia, esfaqueada, fora retirada do seu leito mercenário, onde algum desgraçado a assassinara para roubá-la.[44]

Sensibilizado, pôs-se o narrador a caminho da morgue, verdadeiro "depósito mortuário", onde se encontravam jogados os cadáveres de seus amigos, enquanto refletia acerca da miséria urbana e dos preconceitos que sufocavam os "abandonados e enjeitados pela sociedade", "condenados de antemão a uma existência errante e dolorosa".[45]

Adepto da leitura e demonstrando considerável erudição, Mota Assunção também se dedicou a realizar algumas traduções de livros e folhetos que eram constantemente oferecidos aos leitores das folhas operárias de tendência libertária. Entre essas traduções, a que fez do romance *Os anarquistas*, do pensador, escritor e poeta anarco-individulaista John Henry Mackay foi decisiva para o seu rompimento com os libertários.

Corria, então, o ano de 1908 e a greve do gás não era o único evento a agitar os trabalhadores e os meios libertários. O aparecimenro da tradução que Mota Assunção fez do livro de J. Mackay foi bombástico entre os militantes, opondo, mais uma vez, o militante português e os companheiros mais radicais, por ele chamados "os comunistas". A obra era uma espécie de "romance de costumes revolucionários", ambientado no fim do século XIX, "com a descrição dramatizada dos bairros operários de Londres e da execução dos Mártires de Chicago". Além disso, colocava "em foco e confronto as diversas escolas socialistas e anarquistas".[46] A obra, portanto, era "uma crítica cerrada ao comunismo anarquista", mostrando-o como um martírio "...tão triste e tão inútil como fora o dos primeiros cristãos...".[47]

O mal-estar provocado pelo aparecimento dessa tradução de *Os anarquistas* selou de vez o afastamento de Mota Assunção dos círculos libertários. A partir de então, direcionou sua militância para o grupo dos socialistas, chamados reformistas por sua estratégia gradualista que "privilegiava o campo da política institucional...".[48] Mesmo atuando em outras

43 PRADO; HARDMAN: 1985: 93-97.

44 Ibid.

45 Ibid.

46 *A Vanguarda*, 1911: 5.

47 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 103.

48 ADDOR, 2009: 22.

frentes, Mota Assunção não se desligou das questões propriamente sociais que marcavam o mundo do trabalho nesse período e mobilizavam sua potencialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência libertária de Mota Assunção foi variada, intensa e agitada. Na vida militante lançou mão da *propaganda pela palavra* como estratégia privilegiada de combate à sociedade e luta pelo ideal libertário. Por meio de artigos, livros, contos, poemas, peças de teatro social, contribuiu para integrar os amplos circuitos – escritos, orais e visuais – que os anarquistas utilizaram como forma de melhor atingirem as camadas exploradas e oprimidas.

Enquanto atuou, Mota Assunção, foi um exemplo da vida militante no seu nascedouro, manifestando propostas de resistência, vontade de solucionar problemas sociais e desejo de inaugurar um novo tempo, apesar de ser declaradamente "contra a violência e a insurreição".[49] Teve uma trajetória agitada, como tantos outros companheiros estrangeiros e brasileiros. Por sua prática libertária, algumas vezes foi preso, sempre acusado de ser "anarquista, estrangeiro, perigoso". Mesmo quando se afastou do movimento por divergir da radicalização das ações, continuou a ser visto com desconfiança em seus encontros e desencontros com o elemento nacional. E como escreveu o companheiro socialista Ulysses Martins, "...Mota soube fazer de sua pena a espada acerada no combate à sociedade".[50]

49 MOTA ASSUNÇÃO, 1923: 101.

50 *A Vanguarda*, 1911: 1.

Fontes

ASSUNÇÃO, Mota. *Os sicários do jornalismo*. (criminologia – defesa pessoal – sociologia). São Paulo: Offic. Graph. Monteiro Lobato & comp., 1923.

BARROS, Augusto de. *O caso do Correio Português*. São Paulo: Augusto de Barros, 1917. Folheto.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo: roteiro da libertação social.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.

VASCO, Neno. Uma espécie de explicação. In.: MOTA ASSUNÇÃO. *O Infanticídio*. São Paulo: Terra Livre, 1907.

Referências bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto, 2009. Anarquismo e movimento perário nas três primeiras décadas da República. In.: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael. (org.). *História do anarquismo no Brasil.* vol. 2. Rio de Janeiro: Achiamé.

AZEVEDO, Francisca Lucia Nogueira de, 2005. *Malandros desconsolados*: o diário da primeira greve geral no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Prefeitura.

BIAJOLI, Maria Clara; VIEIRA, Priscila Piazentini, 2008. Em busca da beleza no viver: diálogos possíveis entre a antiguidade e o anarquismo contemporâneo. In.: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. (org.). *Subjetividades antigas e modernas*. São Paulo: Annablume.

CORTÊS, Alex Sandro Barcelos, 2006. Raízes do Anarquismo no Brasil. In.: DEMINICIS, Rafael; REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.). *História do anarquismo no Brasil.* vol. 1. Niterói: EdUFF. Rio de Janeiro: MAUAD.

DULLES, John W. F., 1977 *Anarquistas e comunistas no Brasil; 1900-1935.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio, 1981. *A classe operária no Brasil – condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado.* São Paulo: Brasiliense/FUNCAMP.

FOOT HARDMAN, Francisco; LEONARDI, Victor, 1991. *História da indústria e do trabalho no Brasil:* das origens aos anos 20. São Paulo: Ática.

LEMOS, Regina Célia Souza de. *Cultura operária: o teatro como instrumento de conscientização operária* – resultados preliminares de pesquisa no Rio de Janeiro. (1870-1920). UFF, s/d. (MIMEO).

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer, 2001. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

MARTINS, Angela Maria Roberti, 2012. O riso e o grito em *A Lanterna*: anarquismo e anticlericalismo (1909-1916). In.: ROSITO, Valeria (org.). *Cidade fundida: tal centro, qual periferia?* Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ.

MENEZES, Lená Medeiros de, 1996. ***Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930).*** Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

MENEZES, Lená Medeiros de, 1998. Portugueses sob vigilância: imigração, pobreza e expulsão. (Rio de Janeiro – 1890-1930). In: ***Revista Ciências Históricas***. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

OLIVEIRA, Walter da Silva, 2008. Narrativas à luz d'***A Lanterna***: anticlericalismo, anarquismo e representações. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PEREIRA, Miriam Halpern, 2002. ***A política portuguesa de emigração (1850-1930)***. Bauru, SP: EDUSC; Portugal: Instituto Camões.

PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot ,1985. *Contos anarquistas:* antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo; Brasiliense.

RODRIGUES, Edgar, 1997. ***Os companheiros.*** vol.3. Florianópolis: Insular.

ROHDEN, Fabíola, 2003. *A arte de enganar a natureza*: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

SODRÉ, Nelson Werneck, 1999. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.